

Um (forte) sinal de desconfiança no Brasil

O valor da dívida brasileira caiu de 62-65 centavos cada dólar para 37-41 centavos quando, por causa do acordo preliminar alcançado recentemente com os bancos credores, ele deveria ter subido, segundo um analista que trabalha com o mercado secundário.

"Isto demonstra falta de confiança no cumprimento do acordo concluído há duas semanas entre o Brasil e os bancos", disse o analista. Comentou que o mercado continua sob tensão, prevendo a dificuldade que o comitê credor vai encontrar para recolher os US\$ 3 bilhões prometidos ao governo brasileiro para o refinanciamento dos juros não pagos com a moratória.

"Pôr dinheiro novo para que sejamos pagos é uma solução? Muita gente acha que não", diz o banqueiro, Mark Paden, do NCNB de Charlotte, que tem US\$ 76 milhões emprestados ao Brasil, e vendeu no terceiro trimestre deste ano US\$ 4,5 milhões de seus empréstimos à Argentina, com um prejuízo de US\$ 1,3 milhão.

A queda de cerca de 40% no valor das dívidas dos países em desenvolvimento nos últimos seis meses deverá complicar as negociações com os bancos credores, em geral. Pois o dinheiro que um banco separar, por exemplo, para o Brasil, perderá de saída o seu valor de face.

"Os preços caíram, e isto obviamente afeta o que podíamos fazer", diz o presidente do Mercantil National Bank de St. Louis, Neal Farrell, ao **Wall Street Journal** de ontem, que ainda nota: "Há muito mais vendedores do que compradores", hoje em dia, no mercado secundário, que vai negociar este ano entre US\$ 8 e 10 bilhões dos US\$ 300 bilhões da dívida externa dos países em desenvolvimento. O Mercantil tem US\$ 57 milhões emprestados ao Brasil e ainda não decidiu se aceitará fazer um novo empréstimo.

Para o **Wall Street Journal**, "muitos bancos, especialmente os pequenos, deverão se negar a fazer novos empréstimos, ao passo que os grandes exigirão novas e mais duas condições" — e um exemplo disso foram os 21 dias de negociações para se concluir o acordo preliminar entre o Brasil e seus credores.

"Nós gostaríamos de poder confiar que os novos fundos postos à disposição não irão sofrer o mesmo destino dos antigos", explica Louis Schirano, vice-presidente do First Interstate Bancorp de Los Angeles.

O Bank of New York vendeu US\$ 43 milhões de várias dívidas em seu portfólio e o First Bank System, de Minneapolis, US\$ 55 milhões. O Suntrust Banks Inc., de Atlanta, limpou um total de US\$ 39 milhões, enquanto que o First Interstate quer liquidar um total de US\$ 1,25 bilhão da dívida do Terceiro Mundo, "na primeira oportunidade". O Citicorp, como anunciou logo depois que aumentou suas reservas no primeiro trimestre do ano, vai dispor de US\$ 3 a US\$ 5 bilhões de seus empréstimos problemáticos, dos quais entre US\$ 200 e US\$ 300 milhões serão trocados por capital de risco.

Moisés Rabinovici, de Washington